

Entrevista com Alexandre Vidal Porto

*Joelma Santana Siqueira (Universidade Federal de Viçosa)
Vivaldo Andrade dos Santos (Georgetown University)*



Fonte: Arquivo pessoal do escritor.

Alexandre Vidal Porto - É escritor e diplomata. Passou a infância em São Paulo e a adolescência em Fortaleza. Viveu em Brasília, Nova York, Santiago do Chile, Cambridge, Washington, Cidade do México e Tóquio. É mestre em direito pela Universidade de Harvard e colunista do jornal Folha de São Paulo. Autor de três romances: *Matias na cidade* (Record, 2005); *Sergio Y. vai à América* (Companhia das Letras, 2014; Europa Editions, 2016; EO Edizioni, 2016), ganhador do Prêmio Paraná de Literatura; e *Cloro* (Companhia das Letras, 2018), semifinalista do prêmio Oceanos 2019 e finalista do prêmio Jabuti 2019. Atualmente, vive em Frankfurt e trabalha na reedição de *Matias na cidade* (Companhia das Letras, 2022), e no seu próximo romance, ainda sem título.

1. Prezado Alexandre Vidal Porto, somos muito gratos a você por nos conceder essa entrevista para o presente dossiê da Gláuks dedicado ao tema “A literatura brasileira no exterior”. Para iniciarmos, pedimos que nos fale sobre como é escrever e publicar literatura no Brasil.

Escrever e publicar literatura no Brasil é sacrificado, porque o mercado de livros é limitado e, salvo pouquíssimas exceções, não é possível, por razões financeiras, viver da escrita literária. Então, no Brasil, para a maioria das pessoas, a dedicação exclusiva à literatura parece inviável por questões de sobrevivência, pura e simplesmente. O escritor brasileiro tem sempre de se desdobrar como jornalista, funcionário público, tradutor, professor, ou depender de amigos ou familiares. No entanto, tenho a impressão de que, ainda que em menor escala, o mesmo se passa em países com mercados mais amplos e sólidos, e uma minoria consegue se sustentar como escritor, apenas. Paradoxalmente, apesar dessas dificuldades, a impressão que eu tenho é que, no Brasil, nunca se publicou tanto como agora, porque as plataformas digitais se popularizaram. A identificação dos leitores e a distribuição da obra é que se tornaram o desafio de quem publica no Brasil hoje.

2. Você considera que há diferenças que mereçam ser destacadas entre a recepção que sua obra tem no Brasil e a que tem no exterior?

Sim, há diferenças. A aceitação maior da minha obra é no Brasil, porque, para começar, meus três romances estão disponíveis em português, ao passo em que, no exterior, isso não acontece. Então a integralidade da minha literatura pode ser avaliada melhor no Brasil. Além disso, sobretudo no caso do mercado norte-americano, existe preconceito em relação a traduções, o que limita o alcance. O mercado para obras traduzidas é pequeno, e a competição é enorme. Fui editado por casas prestigiosas no mercado anglófono, que investiram em mim em termos de promoção. Fui finalista de alguns prêmios importantes no exterior, mas, mesmo assim, considero que a recepção foi limitada.

3. Qual a importância da tradução, sobretudo, para o escritor que escreve em português?

Para quem escreve em português e quer ser publicado no exterior, a figura do tradutor é fundamental. Seja pela mera existência material da obra, como tradução, seja para a divulgação da obra junto ao mercado editorial do país em que se publica. A questão é que o mercado de tradutores de português é limitado. Minha impressão é que os bons tradutores estão sempre sobrecarregados.

4. Quais são os desafios para ser publicada no exterior ou ser traduzida para outra língua?

O desafio principal é o acesso. Como chegar ao editor estrangeiro, que, na grande maioria das vezes, não lê português? É importante ter amostras do texto traduzido, o que já envolve custos de tradução. Geralmente, esse acesso acontece por intermédio de agentes, nas

feiras literárias internacionais, ou seja, é preciso quase sempre ter um agente ou algum contato que apresente a obra a quem poderia publicá-la no exterior.

5. “Traduttore, traditore”. Como é ler a literatura brasileira traduzida para outro idioma? Destacaria algum exemplo?

Não leio traduções do português, mas comenta-se que muitas das traduções de obras importantes de nossa literatura para o inglês são sofríveis. Observo, porém, que existe uma geração emergente de tradutores muito competentes, especialmente para a língua inglesa, como Bruna Dantas Lobato, Daniel Hahn, Eric Becker, Zoë Perry, entre outros. Gostaria de chamar a atenção para a excelente nova tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, feita pela Flora Thomson-DeVeaux para a *Penguin Classics*, e para a de *Grande sertão: Veredas*, em elaboração pela grande Alison Entrekin.

6. Existe uma “literatura nacional”, presa a um país, a uma região, a uma língua?

Acredito que uma literatura escrita numa mesma língua, num mesmo espaço geográfico e num mesmo período histórico tem, sim, traços característicos comuns. Não sei se isso a caracterizaria como "nacional", mas acho que escritores que escrevem na mesma língua e no mesmo período, acabam compondo um retrato que traduzirá o espírito de um país - ou, se você quiser, de uma "nação".

7. Seu fazer literário busca responder a alguma urgência presente na realidade social brasileira que você gostaria de destacar?

Quando escrevo, não me preocupo diretamente em responder às urgências da sociedade brasileira, mas algumas respostas acabam aparecendo naturalmente, em função de eu ser brasileiro e a maioria de meus personagens morar no Brasil. Então, o que você chama de "urgências da sociedade brasileira" é o dia-a-dia que eles vivem, e isso acaba transparecendo na minha literatura. Eu admiro quem consegue fazer um ativismo literário mais direto e estridente. Meus livros falam de questões sociais urgentes, como desigualdade, discriminação, preconceito, minorias. Mas meu estilo pede algo mais subliminar: as questões sociais surgem como pano de fundo, como parte do cenário e do cotidiano dos personagens, não como protagonistas da história.